

PREDAAGOGIA

LICENCIATURA



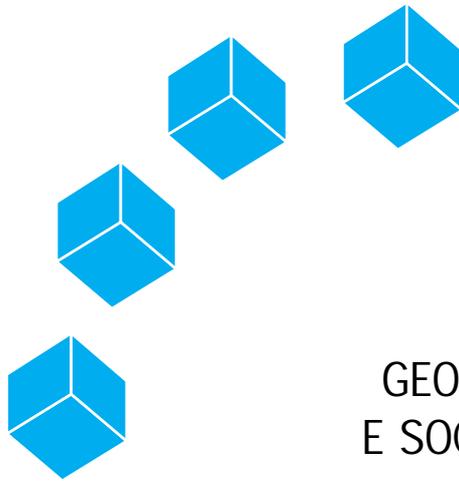
Geografia e Sociedade

Rosemeire Aparecida de Almeida

EDITORA
UFMS

PREDA GEOGRAFIA

LICENCIATURA



GEOGRAFIA
E SOCIEDADE

Rosemeire Aparecida de Almeida

Campo Grande, MS - 2009



PRESIDENTE DA REPÚBLICA
Luiz Inácio Lula da Silva
MINISTRO DA EDUCAÇÃO
Fernando Haddad
SECRETÁRIO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
Carlos Eduardo Bielschowsky

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL

REITORA
Célia Maria da Silva Oliveira

VICE-REITOR
João Ricardo Filgueiras Tognini

COORDENADORA DE EDUCAÇÃO ABERTA E A DISTÂNCIA - UFMS
COORDENADORA DA UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL - UFMS
Angela Maria Zanon

COORDENADOR ADJUNTO DA UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL - UFMS
Cristiano Costa Argemon Vieira

COORDENADORA DO CURSO DE PEDAGOGIA (MODALIDADE A DISTÂNCIA)
Jacira Helena do Valle Pereira

Obra aprovada pelo Conselho Editorial da UFMS - Resolução nº 00/09



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons -
Atribuição-CompartilhaIgual 4.0 Internacional.

CONSELHO EDITORIAL UFMS

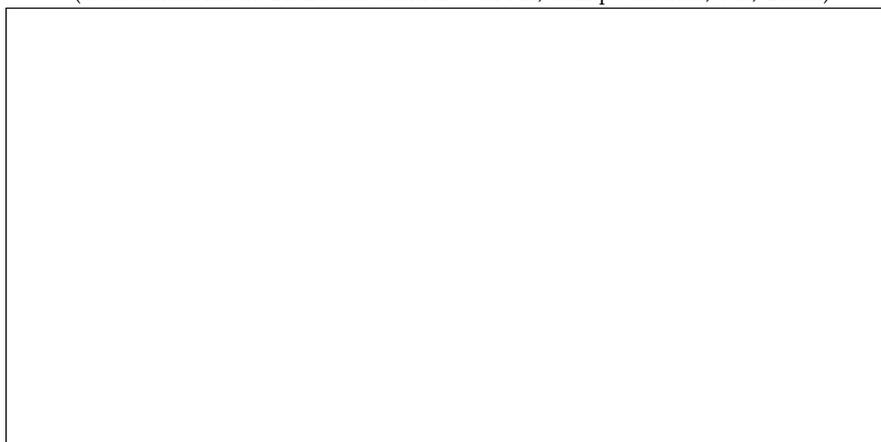
Dercir Pedro de Oliveira (Presidente)
Antônio Lino Rodrigues de Sá
Cícero Antonio de Oliveira Tredezini
Élcia Esnarriaga de Arruda
Giancarlo Lastoria
Jackeline Maria Zani Pinto da Silva Oliveira
Jéferson Meneguín Ortega
Jorge Eremites de Oliveira
José Francisco Ferrari
José Luiz Fornasieri
Jussara Peixoto Ennes
Lucia Regina Vianna Oliveira
Maria Adélia Menegazzo
Marize Terezinha L. P. Peres
Mônica Carvalho Magalhães Kassar
Silvana de Abreu
Tito Carlos Machado de Oliveira

CÂMARA EDITORIAL



Angela Maria Zanon
Dario de Oliveira Lima Filho
Damaris Pereira Santana Lima
Jacira Helena do Valle Pereira
Magda Cristina Junqueira Godinho Mongelli

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Coordenadoria de Biblioteca Central – UFMS, Campo Grande, MS, Brasil)



SUMÁRIO

Apresentação 5

UNIDADE 1

Para Início de Conversa: Questões Teórico-Methodológicas da Ciência Geográfica

1.1 O Que é e por que Estudar Geografia? 9
1.2 O Díficil Diálogo entre Idealistas, Positivistas
e Marxistas na Construção do Pensamento Geográfico 10
Referências do Texto 17

UNIDADE 2

Sociedade e Espaço Geográfico

2.1 Podemos Falar em Aparência
e Essência do Espaço Geográfico? 25
Referências do Texto 28

UNIDADE 3

Relação Campo-Cidade e Questão Ambiental

3.1 Qual o Recorte Espacial para
Ensinar Campo-Cidade e Questão Ambiental? 31
3.2 A Questão Agrária-Ambiental:
Território em Disputa? 34
Referências do Texto 42

APRESENTAÇÃO

Caro(a) Acadêmico(a),

A ênfase ao trabalho docente nas séries iniciais do ensino fundamental é dada, na maioria das vezes, à alfabetização; assim sendo, os estudos da sociedade e da natureza têm sido deixados em segundo plano. Logo, você pode estar se perguntando: Qual é a validade dessa área no Ensino Fundamental? Pois bem, tomemos essa indagação como ponto de partida para delimitarmos nosso trabalho neste Fascículo.

Não se trata aqui de fazer do professor das séries iniciais um pesquisador de ponta nessa área do conhecimento – a Geografia, mas, sim, desenvolver conceitos que são importantes para a compreensão dessa área, buscando aproximar a teoria da prática na Geografia que se ensina. Mas, e a pergunta inicial: Qual a validade do estudo da Geografia?

Podemos responder a essa questão de diferentes maneiras. A principal certamente diz respeito ao papel da escola na formação do cidadão e a relevância da Geografia nesse processo. Ou seja, partimos do pressuposto de que a sala de aula pode ser um espaço de transformação, pois o conhecimento abre a possibilidade, por meio do trabalho criativo, de o aluno pensar o mundo a partir de sua condição real de existência. E, nesse caminho, a Geografia é indispensável, pois é a ciência que estuda e busca compreender o espaço produzido pelo homem – o espaço geográfico.

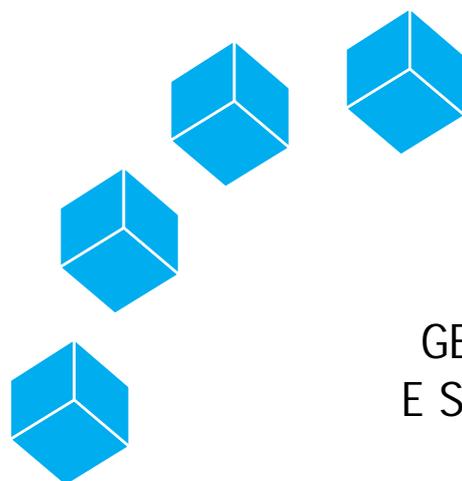
Para que possamos construir os conceitos fundamentais da Geografia, no necessário debate teoria e prática, é fundamental não apenas a leitura do texto, mas realizar também as sugestões de leitura no final das unidades, uma vez que elas visam aprofundar o conhecimento. Além disso, há as atividades, a indicação de filmes e o imprescindível debate com seus colegas.

Bons estudos!

Sobre a autora

ROSEMEIRE APARECIDA DE ALMEIDA

É geógrafa, Doutora em Geografia pela Universidade Estadual Paulista, campus de Presidente Prudente. Professora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus de Três Lagoas, atuando na graduação e pós-graduação em Geografia. Preside o conselho editorial da Revista Eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção Três Lagoas. É autora do livro: *(Re)criação do campesinato, Identidade e Distinção: a luta pela terra e o habitus de classe* (Unesp, 2006); co-autora do livro *Geografia Agrária: teoria e poder* (Expressão Popular, 2007); organizadora e co-autora do livro *A questão agrária em Mato Grosso do Sul: uma visão multidisciplinar* (UFMS, 2008), dentre outras publicações.
E-mail: rosimeire-almeida@uol.com.br



GEOGRAFIA
E SOCIEDADE

Unidade 1

PARA INÍCIO DE CONVERSA:
QUESTÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS
DA CIÊNCIA GEOGRÁFICA

OBJETIVOS

O Fascículo de Geografia tem como objetivos oportunizar ao acadêmico(a):

- Aprender o processo de construção do pensamento geográfico no tempo e no espaço, com destaque para as principais vertentes: idealismo, positivismo e marxismo;
- Refletir e representar o espaço cotidiano como produto das sociedades históricas (modo capitalista de produção);
- Compreender o espaço geográfico como desdobramento da relação capital e trabalho;
- Entender a relação sociedade e espaço geográfico na perspectiva do ensino de Geografia;
- Analisar as principais questões referentes ao ensino de Geografia em sala de aula, levando-se em consideração as questões sociais envolvidas.



Unidade 1

PARA INÍCIO DE CONVERSA: QUESTÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS DA CIÊNCIA GEOGRÁFICA

TEXTO

1.1 O que é e por que estudar Geografia?

A análise teórica que se segue tem como preocupação pensar a sistematização da Geografia como ciência, discutindo suas bases filosóficas mais relevantes para, enfim, situá-la em relação ao debate contemporâneo na perspectiva de delimitar as possíveis contribuições dessa disciplina para com as demais e, também, as limitações do pensamento geográfico.

Para pensarmos no processo de construção da Geografia como ciência, é preciso ultrapassar dois grandes obstáculos. O primeiro diz respeito à redução da Geografia à mera descrição da gênese da palavra (etimologia). Dito de outra maneira, a Geografia não pode ser entendida simplesmente como Geo (= Terra) e Grafia (= descrição), ela é muito mais que isso. Outro mito a ser superado é aquele que entende a Geografia como conhecimento enciclopédico e descritivo, logo, um saber limitante e desinteressado.

Vejamos, a Geografia é parte do dia-a-dia dos homens antes mesmo de sua sistematização e institucionalização como disciplina escolar no século XIX. Como? Basta lembrar os chamados geógrafos clássicos (anteriores à geografia moderna do século XIX). Eles eram viajantes, estrategistas, mapeadores, acima de tudo estudiosos dos lugares. Inclusive é creditado a Estrabão (século I a.C.) uma das primeiras definições do que é Geografia: “[...] a *geografia familiariza-nos com os ocupantes da terra e dos oceanos, com a vegetação, os frutos e peculiaridades dos vários quadrantes da Terra*” (MOREIRA, 1981, p. 17). Portanto, o que é Geografia é uma questão que atravessa séculos, por isso alguns acreditam que a “*geografia é tão antiga quanto à própria história dos homens*”. E por que ela é tão popular? Basicamente porque ela nos coloca em contato direto com o mundo a partir de nossa própria experiência cotidiana. Vivência esta que nos permite entender a construção do espaço geográfico, uma vez que ele é o espaço de existência da sociedade humana. E mais, por meio da Geografia podemos entender como e por que os seres humanos constroem/destroem/reconstroem os espaços em que habitam.

Consequentemente, é possível perceber o espaço geográfico a nossa volta. Tudo o que os olhos veem, quando vamos de casa

para a escola ou, então, ao trabalho, constituem uma combinação de lugares, de formas históricas e de funções entre lugares, todas tecidas pelas relações entre os homens por meio do trabalho. Eis, pois, o espaço geográfico: uma combinação mediada pelo trabalho, entre formas históricas (casas, condomínios, favelas, fábricas, praças, lojas, ruas, campos) e formas naturais (serra, rios, florestas, etc).

Provocando!

Note a foto que se segue, analise as formas espaciais e também o significado delas para a vida dos homens. Perceba que a Geografia é uma realidade objetiva, não é algo abstrato, idealizado. A Geografia é a nossa vida concreta, o que se vê no plano da aparência foi tecido historicamente pelos homens de carne e osso. Como? Na luta cotidiana pela sobrevivência em uma sociedade dividida em classes, onde uns detêm os meios de produção e a maioria, a força de trabalho. Qual o motor da produção/reprodução do espaço geográfico: a luta de classes.

BRASÍLIA/DF – PLANO PILOTO



Fonte: Almeida, R. A., Set. 2005.

1.2 O difícil diálogo entre idealistas, positivistas e marxistas na construção do pensamento geográfico

Mas, vamos voltar à história da Geografia científica, ou melhor, à busca do status de ciência por meio da institucionalização acadêmica da disciplina. Podemos dizer então, que a Geografia oficial é filha, sobretudo, do século XIX e tem nos acontecimentos ocorridos na Europa o seu núcleo fundante. Essa concepção eurocêntrica do nascimento da Geografia não tem, todavia, ficado sem críticas

como podemos ver em Capel Saez (1999). Para este autor há uma desvalorização, por exemplo, do impacto que o “descobrimento” da América representou na produção científica da época e na construção do pensamento geográfico. Da mesma forma, lembra Moreira (1981) que a história oficial da Geografia nesse período acaba sendo a história da Geografia produzida pelos europeus. Portanto, para Capel Saez, se levarmos em consideração o “descobrimento” da América pode-se dizer que, na verdade, a Geografia moderna nasceu durante o século XVI.

Todavia, apesar das críticas a essa possível supervalorização dos fatos europeus, a ciência geográfica, como a conhecemos hoje, permanece tendo nas obras de Alexandre Humbolt e Carl Ritter (a chamada escola alemã) e nos fatos ligados à Europa o marco fundamental. Dessa forma, nomes como Ritter, Humboldt, Ratzel e La Blache figuram como os representantes oficiais dessa Geografia edificada no século XIX.

Por outro lado, a essa leitura **eurocêntrica** da Geografia se junta também o equívoco representado pela grande polêmica daquele período que era a contraposição entre Deterministas (escola alemã representada por Ratzel) de um lado e Possibilistas (escola francesa de La Blache), de outro. Esses últimos ganharam destaque por acusar os primeiros de dar prioridade aos fatores naturais em prejuízo da ação humana. Essa briga entre Deterministas X Possibilistas, ou melhor, essa falsa questão que marca a gênese do pensamento geográfico acabou por ocultar a questão fundamental nesse período, qual seja: a discussão do método de interpretação da realidade. Servindo, sobretudo, para retardar a evolução da Geografia.

Pensamento eurocentrico é aquele que tende a colocar a Europa (assim como sua cultura, seu povo, suas línguas, etc.) como o elemento fundamental na constituição da sociedade moderna.

Leia com atenção a paráfrase que complementa o texto:

Escola Determinista ou doutrina do **Determinismo Geográfico** tem sua origem no pensamento do alemão Ratzel (século XIX). Ficou assim conhecida por defender que o objeto da Geografia era o estudo da influência que as condições naturais exercem sobre a humanidade. Ratzel, grande defensor das idéias naturalistas, construiu um entendimento do homem como simples produto do meio (homem animal). Logo, os conceitos de espaço vital, região natural, condições geográficas, etc, eram os instrumentos científicos da Geografia que se fazia. É também no Determinismo que a Geografia inaugura um dos seus mais importantes conceitos: o de **espaço vital**. Esse conceito legitima a expansão territorial européia, no caso, alemã, como processo natural, fruto da busca de equilíbrio entre capacidade do território e o tamanho da sociedade, no qual o Estado tem papel de ordenador, escondendo assim o processo histórico de dominação entre os povos. A doutrina do determinismo geográfico foi bastante



divulgada e suas teses apareceram com freqüência no pensamento conservador. No caso brasileiro, basta lembrarmos as teorias que explicam o “subdesenvolvimento como fruto da tropicalidade”, neste exemplo depreende-se que os homens que vivem nos trópicos (sob clima quente) são indolentes, preguiçosos. (MORAES, 1992).



Leia com atenção a paráfrase que complementa o texto:

*Outra grande escola da Geografia do século XIX, e que se opõem ao pensamento Determinista, é francesa e tem como formulador La Blache. Por meio do seu mais importante conceito que é **gênero de vida**, La Blache cunha a idéia de que “a natureza dá as cartas, o homem faz o jogo”. Logo, tal doutrina ser conhecida como **Possibilista** (primado da Sociedade), numa clara oposição aos Deterministas (primado da Natureza). Todavia, mesmo denunciando a concepção naturalista de Ratzel como sendo negadora da sociedade dos homens, La Blache não rompe com a concepção conservadora da história. Por quê? O Possibilismo defende uma ciência geográfica neutra e chama a atenção para as obras do homem sobre o espaço como reflexo de uma herança histórica. Situação que, em última instância, abre caminho para a “missão civilizatória européia”, no caso, francesa, na Ásia e África, sob o signo do progresso dos povos a partir da interação de **gêneros de vida** diferentes. Por sua vez, os **gêneros de vida**, com suas singularidades de formas, costumes, hábitos, representam uma etapa do desenvolvimento da sociedade, isto é, têm uma causa geral/universal e, por isso, condicionam o desenvolvimento da sociedade. Logo, o **gênero de vida** parte da idéia de que algumas sociedades são mais capazes/criativas que outras e, por isso, cabe a estas, no caso, a França, levar o progresso às sociedades mais simples, situação que legitima a dominação e a exploração principalmente dos índios e negros. Daí o significado conservador, porque entende o conceito de **gêneros de vida** como uma força autônoma, etapista e espontânea (herança); conseqüentemente, esse “espírito do povo” espontâneo não se presta à ação política transformadora, a superação da realidade opressora. Concluindo, percebe-se que tanto a escola Determinista como a Possibilista colocaram o conhecimento geográfico a serviço do Estado e da expansão capitalista européia, por isso na essência pouco se diferenciavam. (ALMEIDA, 2006).*

A corrente filosófica conhecida por idealismo, que, embora tenha seus primeiros pressupostos em Kant, deve mesmo a sua construção teórica ao filósofo alemão Friedrich Hegel que, radicalizando a importância dada por Kant à razão, acabou eliminando a distinção entre a idéia e o real. E mais, colocou o real como reflexo da idéia/conceito/pensamento.

Sua principal premissa, “a vida espiritual da sociedade determina a vida material”, criou uma posição filosófica calcada na suposição de que a razão é uma força histórica autônoma, não determinada pela situação material. (ALMEIDA, 2006).

O materialismo histórico dialético de Karl Marx inverte o método de Hegel ao proclamar que são as condições históricas que determinam as idéias e não o seu contrário. O marxismo histórico dialético introduz a concepção do desenvolvimento histórico como processo que revoluciona a vida, rompendo, desse modo, com a história vista como processo linear, etapista, comandada por uma razão/pensamento autônomo, independente das ações do homem. Nessa perspectiva, a razão passa a ser condicionada pela sociedade (relações sociais), enfim, ela deixa de ser a história como anteriormente se postulava. Por conseguinte, como dizia Marx (1986), “a história da sociedade passa a se confundir com a história das lutas de classe”. (ALMEIDA, 2006). Para aprofundamento ver o assunto no Fascículo de Sociologia.

Portanto, o fechar-se em torno da discussão interna que era a oposição Deterministas X Possibilistas, acabou por não situar a Geografia no contexto da época e na verdadeira oposição, qual seja, o debate entre **Idealistas** e **Marxistas**. Dito de outra forma, a Ge-

ogografia perdeu tempo em torno de uma falsa oposição representada pelos Deterministas X Possibilistas e o resultado acabou sendo sua construção tendo como base a dicotomia **Sociedade** versus **Natureza** com o agravante de que, segundo Milton Santos (1990), os precursores dessas correntes (Ratzel e La Bache) raramente expunham claramente suas preferências filosóficas. Situação que permitia um **ecletismo** por parte deles no trato das questões geográficas. Nas palavras do autor, “*A disputa entre ‘deterministas e possibilistas’, estabelecida em pressuposto viciado na base, mostrou-se, então, falsa*”. (SANTOS, 1990, p. 25).

Podemos dizer que na gênese da Geografia houve uma mistura de métodos por parte de seus representantes tradicionais. Obviamente o espaço deste Fascículo não permite o aprofundamento das diversas influências filosóficas que levaram à consolidação da ciência geográfica, nem mesmo a explanação acerca de todas as correntes geográficas. Contudo, é bom lembrar que a discussão em torno da construção do pensamento geográfico, no geral, tem ficado restrita às chamadas correntes do pensamento geográfico (Determinismo; Possibilismo; Método Regional; Nova Geografia e Geografia Crítica) que, por sua vez, encontram-se cingidas em Geografia Clássica e Movimento de Renovação da Geografia. Consequentemente, há uma ausência de debate no tocante às bases filosóficas do processo de sistematização do pensamento geográfico. Uma forma que encontramos de sanar em parte essa lacuna é dando ênfase, neste Fascículo, àquelas bases filosóficas mais significativas do pensamento geográfico: o idealismo, o **positivismo** e o marxismo. Optamos por esse caminho por entender que sem essa discussão não é possível compreender a raiz da “crise” da Geografia na busca constante do projeto unitário.

A presença do materialismo histórico dialético como corrente filosófica na Geografia vem de longa data, mas de forma marginal, ou seja, não era o **paradigma** da Geografia oficial. Consequentemente, ele nasce nas obras dos **anarquistas** do final do século XIX e começo do século XX, especificamente de Elisée Reclus. O que fez com que a corrente marxista ficasse meio que restrita a esse movimento. Posteriormente, é na ala mais crítica da Geografia regional francesa, na década de 1940, que os questionamentos referentes ao empobrecimento filosófico da Geografia vão ser retomados a partir de uma concepção marxista.

O ápice brasileiro desse processo e a consolidação da **Geografia Crítica** têm seu marco no 3º Encontro Nacional de Geografia, em Fortaleza, no ano de 1978. Embora a **Geografia Crítica** envolvesse várias frentes de entendimento, ela postulava a luta pelo desmascaramento do conteúdo ideológico contido na Geografia que se fazia naquele momento, bem como do ecletismo filosófico que

Sistema filosófico que implica na não-observância rígida de uma linha de pensamento.

O conhecimento positivo caracteriza-se pela previsibilidade: “ver pra prever” é o lema dos positivistas, como também “ordem e progresso” (presente em nossa bandeira). Em suma, o espírito positivo, segundo Auguste Comte, coloca a ciência como investigação do mundo visível, do que é previsível e útil. Propõe uma história entendida a partir da triade tradição-ordem-progresso, em que o passado governa o futuro, bloqueando o devir revolucionário. Por sua vez, o positivismo de Comte é uma das correntes filosóficas que mais influenciou, desde o século XIX até os nossos dias, o desenvolvimento das ciências humanas, em especial a Geografia. (ALMEIDA, 2006). Para aprofundamento ver o assunto no Fascículo de Sociologia.

Paradigma é uma teoria que orienta o estudo de um campo científico. Dito de outra forma, é uma referência inicial que funciona como base de modelo para estudos e pesquisas.

Ficaram conhecidos por Anarquistas aqueles pensadores que atribuem ao homem e à coletividade o direito de usufruir toda a liberdade sem limitação de normas, de espaço e de tempo. Um expoente do pensamento anarquista no século XIX foi o geógrafo Piotr Kropotkin.

A profissão de geógrafo foi regulamentada em 1979 pela Lei 6.664 e para exercê-la é preciso ter Bacharelado em Geografia e registro no Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia - CREA. Lembrando, porém, que o primeiro curso de Geografia data de 1934, a partir da criação do Departamento de Geografia na recém-criada Universidade de São Paulo/USP. Em 1937, também em São Paulo, é criada a Associação dos Geógrafos Brasileiros - AGB. (CARLOS, 2002).

O estruturalismo é melhor visto como uma abordagem geral com muitas variações diferentes. De um modo geral, o estruturalismo procura explorar as inter-relações (as "estruturas") por meio das quais o significado é produzido dentro de uma cultura. Para Althusser, um representante do chamado estruturalismo marxista, é a estrutura das relações de produção o verdadeiro sujeito, é ela que destina os lugares e as funções ocupados e assumidos pelos agentes de produção. (BOBIO, 1992).

impedia o progresso da ciência geográfica. Os **geógrafos** envolvidos nessa luta passaram a defender que: "*A filosofia da Geografia, seja qual for à direção que se prefira, não pode continuar sendo uma colcha de retalhos*" (SANTOS, 1990, p. 37).

A Fragmentação Geografia Física (Natureza) e Geografia Humana (Sociedade): A Quem Serve?

Segundo Carlos (2002), enquanto o diálogo atual da Geografia Humana é, principalmente, com sociólogos, economistas, arquitetos, historiadores, a Geografia Física tem como interlocutores principais os geólogos e os biólogos. A Geografia Física caminha sob uma perspectiva metodológica fortemente marcada pelo **estruturalismo**, no qual o desvendamento dos processos sociais é secundário. Já a Geografia Humana, em sua aproximação com o marxismo nos anos 1970, passa a pensar o homem como ser social e histórico, que produz o mundo e a si mesmo, numa leitura claramente dominada pela vertente econômica.

O resultado desses caminhos teórico-metodológicos tão diferentes, fruto como já comentamos dos equívocos do passado, foi uma Geografia dicotômica refletida no debate Sociedade *versus* Natureza. Dito de outra forma, uma Geografia Humana e uma Geografia Física divorciada da possibilidade de se pensar um espaço geográfico unitário como objeto primeiro da Geografia. A questão central aqui é pensarmos se isso ajuda ou atrapalha na compreensão do espaço geográfico e da Geografia que se ensina. Pois bem, como esse debate não está acabado, não é possível prever onde chegar, principalmente por causa da excessiva compartimentação da Geografia, derivada da separação entre geógrafos físicos e humanos. Porém, é preciso explicar que se por um lado a fragmentação ajudou, de certa forma, o avanço em nossas pesquisas para investigação das particularidades geográficas, por outro, nos afastamos cada vez mais do espaço geográfico como totalidade. E esse afastamento da compreensão da totalidade é bastante visível e trágico em sala de aula, nos livros didáticos, enfim, na Geografia que se ensina.

Na Atualidade, é Possível na Geografia o Projeto Unitário?

Acreditamos que a complexidade contemporânea do real, seja por meio da globalização ou dos chamados problemas ambientais do capitalismo, tem exigido um esforço coletivo de aproximação dos saberes na busca de soluções. E a Geografia não pode ficar à parte desse movimento, logo, é com este propósito de buscar a totalidade do espaço geográfico que propomos esse Fascículo. Ou seja, ele é um esfor-

ço para que os não-geógrafos possam entender e ensinar a Geografia como ciência unitária, que tem como objeto o espaço geográfico. Espaço esse condição e produto da existência humana.

ATENÇÃO - CITAÇÃO TEXTUAL!

Estariamos longe na Geografia de um caminho que rompa com a dualidade homem-natureza e se volte para o desvendamento do processo de reprodução do espaço, hoje, com tudo o que isso implica? Nesta direção, a questão ambiental poderia apontar para o desvendamento do espaço, [...] colocando 'duas questões' – ambiental e social – que fariam emergir a unidade do espaço geográfico, através do reconhecimento da inseparabilidade da natureza e da sociedade e, portanto, levando-nos a examinar os conflitos que ocorrem nas formas de relação, próprias de um tempo histórico, que se materializam em lugares da terra. (CARLOS, 2002, p. 169-170).

Provocando!

Como forma de aprofundarmos essa questão trabalhada, que é fundamental para a Geografia, qual seja, a busca da compreensão do espaço geográfico como totalidade sociedade-natureza, vejamos a foto a seguir. Ela mostra uma voçoroca num projeto de assentamento de reforma agrária e serve como estímulo para pensarmos em como reali-

VOÇOROCA NO ASSENTAMENTO SÃO TOMÉ EM SANTA RITA DO PARDO/MS



Fonte: Almeida, R. A., Jan. 2006.

zar o debate Geografia humana e Geografia física de forma unitária, portanto, sem dicotomia. O primeiro passo é entendermos que não é possível falar de movimentos sociais, de conquista da terra, de produção/consumo e qualidade de vida no meio rural separado das questões ambientais, basicamente porque há uma combinação de lugares e de relações produzindo/reproduzindo o espaço geográfico. Por outro lado, falar da voçoroca e ignorar os homens que produzem e vivem nesse espaço também não tem significado. Portanto, ignorar essa unidade sociedade-natureza inerente ao espaço geográfico é negar a totalidade que rege a vida. Se fizermos isso, não explicamos nada e a aula de Geografia fica desinteressante.

Interagindo com o Texto!

1) Agora você deverá elaborar um fichamento do texto sobre a questão teórico-metodológica da Geografia, lembrando que estamos chamando de Fichamento a busca pela interpretação da escrita. Nesse fichamento você deve dar atenção aos seguintes elementos: contexto da época; principais conceitos; objetivo(s) do autor; considerações finais.

2) Leia atentamente as duas citações textuais que se seguem, elas são do mesmo autor.

A- “[...] a grande maioria dos professores da rede de ensino sabe muito bem que o ensino atual da geografia não satisfaz nem ao aluno e nem mesmo ao professor que ministra”. (OLIVEIRA, 1994, p. 137).

B- “Nos dias de hoje só tem havido lugar para duas grandes vertentes ideológicas no ensino de geografia, ensinar uma geografia que cria desde o início trabalhadores ainda que crianças, ordeiros para o capital. Ou ensinar uma geografia crítica, que forma criticamente a criança, voltada, portanto, para seu desenvolvimento e sua formação como cidadão. Uma geografia preocupada desde cedo com o papel que estas crianças/trabalhadores terão no futuro deste país. Uma geografia que possibilite às crianças, no processo de amadurecimento físico e intelectual, irem formando/criando um universo crítico que lhes permita se posicionar em relação ao futuro, que lhes permita finalmente construir o futuro”. (OLIVEIRA, 1994, p. 143-144).

Na citação “A” o autor apresenta a Geografia que se ensina como algo desinteressante e, portanto, inútil. Na citação “B”, ele aponta para a potencialidade da Geografia na construção da cidadania e do futuro, e que isso é uma questão de escolha do professor.

O que você pensa a respeito dessas citações? Descreva duas situações correspondentes ao ensino de Geografia: a primeira identificada com a citação “A” e a segunda, com a citação “B”.

Discuta isso com seus colegas e apresente as conclusões do grupo.

Indicação de Filme:

**BREVE SINOPSE DO FILME:**

TÍTULO DO FILME: Encontro Com Milton Santos ou O Mundo Global Visto Do Lado De Cá (Brasil, 2001)

DIREÇÃO: Silvio Tendler

FICHA TÉCNICA: 90 min. Colorido, Caliban Produções

O documentário da Caliban Produções (90 minutos, 2001), do carioca Sílvio Tendler, tem como base uma entrevista gravada pelo cineasta com o geógrafo Milton Santos, pouco antes da sua morte, em 2001. A entrevista realizada dia 4 de janeiro de 2001 foi a última concedida pelo professor Milton Santos, precocemente abatido por um câncer em 24 de junho do mesmo ano. O geógrafo se foi, mas seus pensamentos ficam. Seu ideário político e cultural inspiram o debate sobre a sociedade brasileira e a construção de um novo mundo. Seu depoimento é um verdadeiro testemunho, uma lição de que o mundo pode ser melhor. A partir da Geografia, Milton Santos realiza uma leitura do mundo contemporâneo que revela as diversas faces do fenômeno da globalização. É na evidência das contradições e dos paradoxos que constituem o cotidiano que Milton Santos enxerga as possibilidades de construção de uma outra realidade.

Fonte: <http://www.caliban.com.br/>

REFERÊNCIAS DO TEXTO:

ALMEIDA, Rosemeire A. **(Re)criação do campesinato, identidade e distinção**. São Paulo: Unesp, 2006.

BOBBIO, Norberto et al. **Dicionário de política**. Tradução de Carmem C. Varrialle et al. 4. ed. Brasília: UnB, 1992.

CAPEL SAEZ, Horacio. **O nascimento da ciência moderna e a América**. Maringá: UEM, 1999.

CARLOS, Ana F. A. A geografia brasileira hoje: algumas reflexões. **Revista Terra Livre**, São Paulo: AGB. Ano 18, v. 1, n. 18. jan./jun. 2002, p. 161-178.

MORAES, Antônio C. R. de. **Geografia: pequena história crítica**. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 1992.

MOREIRA, Ruy. **O que é geografia**. 9. ed. São Paulo: Brasiliense, 1998.

SANTOS, Milton. **Por uma nova geografia**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1990.

Saber Mais!

Sugestão de Leitura!

CORRÊA, Roberto L. **Região e organização espacial**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1991.

OLIVEIRA, Ariovaldo U. A. Geografia agrária e as transformações territoriais recentes no campo brasileiro. In: CARLOS, Ana F. A. (Org.). **Novos caminhos da geografia**. São Paulo: Contexto, 1999.

Unidade 2

SOCIEDADE E ESPAÇO GEOGRÁFICO

TEXTO

Sempre, e ainda hoje, se discute muito mais sobre a geografia do que sobre o espaço, que é o objeto da ciência geográfica.

(SANTOS, 1990, p. 02)

Ao se tornar produtor, isto é, um utilizador consciente dos instrumentos de trabalho, o homem se torna ao mesmo tempo um ser social e um criador de espaço.

(SANTOS, 1990, p. 04)

As classes são agrupamentos que emergem da estrutura de desigualdades sociais. Portanto, em sentido estrito, só se pode falar em classes sociais depois das revoluções burguesas do século XIX e do advento do capitalismo. Grosso modo, as classes sociais fundamentais do capitalismo são: burguesia (donos dos meios de produção) e proletariado (donos da força de trabalho). (BOBBIO, 1992).

A sociedade produz o **espaço** geográfico. Mas de qual sociedade estamos falando? Estamos nos referindo à sociedade capitalista, uma sociedade estruturada e dividida em **classes** sociais, em que o espaço tem como conteúdo as relações contraditórias dessas classes. Então, se o conceito de espaço é fundamental no estudo da Geografia, o mesmo se pode dizer de sociedade.

Provocando!

Você provavelmente já ouviu a música que segue. Se não ouviu, procure ouvir com seus colegas. Note que os versos da música contestam a sociedade capitalista por esta estar assentada na desigualdade das classes.

“FÁBRICA”

Legião Urbana/Renato Russo

*Nosso dia vai chegar
Teremos nossa vez
Não é pedir demais:
Quero justiça
Quero trabalhar em paz
Não é muito o que lhe peço
Eu quero um trabalho honesto
Em vez de escravidão
Deve haver algum lugar
Onde o mais forte não
Consegue escravizar
Quem não tem chance*

*De onde vem a indiferença
Temperada a ferro e fogo?
Quem guarda os portões da fábrica?
O céu já foi azul, mas agora é cinza
O que era verde aqui já não existe mais
Quem me dera acreditar
Que não acontece nada
De tanto brincar com fogo
Que venha o fogo então...*

A esses dois conceitos (sociedade e espaço) se junta um terceiro, o de **trabalho**. É, pois, por meio desses conceitos que vamos entender que as relações humanas só ganham existência se consideradas no espaço. No entanto, não se trata aqui de resgatar os **Possibilistas** que entendem o espaço como palco da atividade humana, receptáculo da sociedade. Na verdade, o espaço geográfico tem que ser entendido como **produto** e **condição** da existência humana. Nessa direção, CARLOS (1991, p. 15) ensina que “*o espaço não é humano porque o homem o habita, mas porque o constrói e reproduz*”. E mais, além de ser produto da existência humana, o espaço é, também, condição do processo de reprodução da sociedade capitalista.

O trabalho, segundo Marx e Engels, é uma manifestação da capacidade humana de criar a sua própria forma de existência. Logo, o trabalho humano é um ato consciente, diferentemente da atividade animal que é apenas instintiva. Podemos considerar então o trabalho como essência constitutiva do homem, isto é, como categoria fundante do ser social. Aqui estamos considerando o lado positivo do trabalho, ou seja, o trabalho como produtor de valor de uso.

Conceito trabalhado na Unidade I.

Agora que você já sabe que sociedade e trabalho são os componentes fundamentais do espaço, vejamos como fica o conceito de espaço geográfico:

ATENÇÃO - CITAÇÃO TEXTUAL!

É a sociedade, isto é, o homem, que anima as formas espaciais, atribuindo-lhes um conteúdo, uma vida. [...].

Uma casa vazia ou um terreno baldio, um lago, uma floresta, uma montanha não participam do processo dialético senão porque lhes são atribuídos determinados valores, isto é, quando são transformados em espaço. O simples fato de existirem como formas, isto é, como paisagem, não basta. A forma já utilizada é coisa diferente, pois seu conteúdo é social. Ela se torna espaço, porque forma-conteúdo. [...]

A sociedade se geografiza através dessas formas, atribuindo-lhes uma função que, ao longo da história, vai mudando. O espaço é a síntese, sempre provisória, entre o conteúdo social e as formas espaciais. (SANTOS, 1997, p. 88).

Portanto, no começo a natureza selvagem era formada por objetos naturais, em que homens organizados retiravam do meio as coisas de que necessitavam para viver (valor de uso), situação muito comum nas sociedades pré-capitalistas. Mas, ao longo da História, esses objetos naturais foram sendo substituídos por objetos fabricados (mercadorias – valor de troca), verdadeiras próteses no espaço, a exemplo das grandes barragens e suas hidrelétricas. A partir de então, houve a criação das grandes técnicas por meio das quais o homem interfere diretamente no meio geográfico. E, na atualidade, chegamos ao momento que pode ser denominado de meio *Técnico-Científico-Informacional*, em que o grande salto é a inclusão da informação como nunca dantes visto.

Os computadores conectados à Internet, os satélites, os telefones celulares são apenas alguns exemplos desse espaço carregado de ciência, técnica e informação. Obviamente esse meio *Técnico-Científico-Informacional* não é homogêneo, vamos ter “*espaços inteligentes*” (por exemplo, EUA, Japão), verdadeiros centros adaptados às exigências da economia capitalista e “*espaços opacos*” onde o meio - *Técnico-Científico-Informacional* é pontual (por exemplo, parte da América Latina, Ásia e África). Nesses últimos, a tendência é o estabelecimento de um conjunto de ações cujo comando emana dos chamados “*espaços inteligentes*”. Ou seja, “[...] muitas das ações que se exercem num lugar são o produto de necessidades alheias, de funções cuja geração é distante e das quais apenas a resposta é localizada naquele ponto preciso da superfície da Terra”. (SANTOS, 1997, p. 65).

Como forma de reforçar a explicação da articulação espacial local-global, leia com atenção a música que se segue. Ela nos fala desse processo de universalização do homem a partir da globalização do capital.

“DISNEYLÂNDIA”

Titãs

Filho de imigrantes russos casado na Argentina
Com uma pintora judia,
Casou-se pela segunda vez
Com uma princesa africana no México

Música hindu contrabandeada por ciganos
poloneses faz sucesso
No interior da Bolívia zebras africanas
E cangurus australianos no zoológico de Londres.
Múmias egípcias e artefatos Incas no museu de
Nova York

Lanternas japonesas e chicletes americanos
Nos bazares coreanos de São Paulo.
Imagens de um vulcão nas Filipinas
Passam na rede de televisão em Moçambique

Armênios naturalizados no Chile
Procuram familiares na Etiópia,
Casas pré-fabricadas canadenses
Feitas com madeira colombiana
Multinacionais japonesas
Instalam empresas em Hong-Kong
E produzem com matéria prima brasileira
Para competir no mercado americano

Literatura grega adaptada
Para crianças chinesas da comunidade européia.
Relógios suíços falsificados no Paraguai
Vendidos por camelôs no bairro mexicano de
Los Angeles.
Turista francesa fotografada seminua
com o namorado árabe
Na baixada fluminense

Filmes italianos dublados em inglês
Com legendas em espanhol nos cinemas da Turquia
Pilhas americanas alimentam eletrodomésticos
ingleses na Nova Guiné

Gasolina árabe alimenta automóveis americanos
na África do Sul.
Pizza italiana alimenta italianos na Itália
Crianças iraquianas fugidas da guerra
Não obtém visto no consulado americano do Egito
Para entrarem na Disneylândia

Então, para Santos (1997), o espaço geográfico constitui uma soma de *sistema de objetos* e de *sistema de ações*. Mas, como reconhecer no espaço esses *sistemas de objetos* e de *ações*? Vejamos: o *sistema de objetos* espaciais são as formas espaciais móveis e imóveis como uma cidade, uma barragem, uma fábrica, uma plantação, uma estrada, um lago, uma montanha.



Fonte: Kudlavicz, M., Fev. 2008.

Vamos pegar como exemplo uma fábrica de celulose e papel instalada num lugar do Centro-Oeste do Brasil. Se ela é o *sistema de objeto* que compõem o espaço geográfico, o que vem a ser então o *sistema de ação*? Ora o *sistema de ação* é o conteúdo que anima a forma-objeto espacial, que faz com que ela não seja estática, isolada. Conteúdo esse dotado de intencionalidade, cujo comando pode estar a milhares de distância daquele lugar, ou melhor, no global, porque o capital se tornou mundial.

E esse *sistema de ações* é próprio do homem porque é resultante do trabalho. As ações humanas incluem tudo, desde empresas às instituições, porém os objetivos que movem esses sistemas são realizados por meio dos indivíduos, ou melhor, por trabalhadores e burgueses. Daí a indissociabilidade entre o *sistema de objeto* e o *sistema de ação*.

Resgatando as palavras para recapitular: “O espaço geográfico é a soma indissolúvel de sistemas de objetos e sistemas de ações”. (SANTOS, 1997, p. 63). Por conseguinte, é a história desses obje-



Quadro Operários – Tarsila 1933

Fonte: http://www.tarsiladoamaral.com.br/index_frame.htm

tos em que cada um ocupa certo lugar no espaço, isto é, a forma como eles foram produzidos, suas relações e como mudam de conteúdo, que produz o encontro da Geografia Física com a Geografia Humana. Conseqüentemente, o espaço unitário de que falamos na Unidade I.

Como estamos falando de produção do espaço por meio do trabalho humano, é necessário considerar que o homem no capitalismo só pode ter emprego e salário para sua reprodução se vender a sua força de trabalho. Vender para quem? Para a classe dos burgueses, donos dos meios de produção, que se reproduzem por meio da riqueza produzida pelo trabalho de outrem. Situação possível via apropriação do trabalho excedente, trabalho não-pago (mais-valia), que vai para as mãos dos capitalistas.

Isso quer dizer que, no capitalismo, a riqueza é produzida coletivamente (pense num pátio de uma montadora de carros) e apropriada individualmente (pense nesse mesmo produto – carro – vendido numa concessionária). Por sua vez, o trabalhador obedece ao ritmo da fábrica, produzindo segundo necessidades e finalidades estranhas a sua vontade. A isso Marx deu o nome de trabalho alienado, que representa o lado negativo do trabalho.



Leia com atenção a paráfrase que complementa o texto:

A alienação do trabalho tem sua origem na apropriação privada dos meios de produção, na exploração do homem pelo homem. Logo, estar alienado significa a perda de controle por parte do trabalhador sobre o produto de sua atividade física e mental, bem como da possibilidade de livre escolha de um trabalho que seja criativo. Por isso, em lugar de se realizar em seu trabalho, o trabalhador se aliena nele; em lugar de reconhecer-se em suas cri-

ações, o trabalhador se estranha nelas (carros, prédios, fábricas, usinas, portos, etc). O resultado é sua degradação e desvalorização enquanto ser humano. (SCHERER-WARREN, KRISCHKE, 1987).

Provocando

Para que melhor possamos entender que homem é esse, explorado, alienado de suas próprias criações, vejamos a explicação de Eça de Queiroz no poema “O Povo”.

O povo - Eça de Queiroz

Há no mundo uma raça de homens com instintos sagrados e luminosos, com divinas bondades do coração, com uma inteligência serena e lúcida, com dedicações profundas, cheias de amor pelo trabalho e de adoração pelo bem, que sofrem, que se lamentam em vão.

Estes homens, são o Povo.

Estes homens estão sob o peso de calor e de sol, transidos pelas chuvas, ruídos de frio, descalços, mal nutridos; lavram a terra, revolvem-na, gastam a sua vida, a sua força, para criar o pão, o alimento de todos.

Estes são o Povo, e são os que nos alimentam.

Estes homens vivem nas fábricas, pálidos, doentes, sem família, sem doces noites, sem um olhar amigo que os console, sem ter o repouso do corpo e a expansão da alma, e fabricam o linho, o pano, a seda, os estofos.

Estes homens são o Povo, e são os que nos vestem.

Estes homens vivem debaixo das minas, sem o sol e as doçuras consoladoras da Natureza, respiram mal, comendo pouco, sempre na véspera da morte, rotos, sujos, curvados, e extraem o metal, o minério, o cobre, o ferro, e toda a matéria das indústrias.

Estes homens são o Povo, e são os que nos enriquecem.

Estes homens, nos tempos de lutas e de crises, tomam as velhas armas da Pátria, e vão, dormindo mal, com marchas terríveis, à neve, à chuva, ao frio, nos calores pesados, combater e morrer longe dos filhos e das mães, sem ventura, esquecidos, para que nos conservemos o nosso descanso opulento.

Estes homens são o Povo, e são os que nos defendem.

Estes homens formam equipagens dos navios, são lenhadores, guardadores de gado, servos mal retribuídos e desprezados. Estes homens, são os que nos servem.

E o mundo oficial, opulento, soberano, o que faz a estes homens que o vestem, que o alimentam, que o enriquecem, que o defendem, que o servem?

Primeiro, despreza-os, não pensa neles, não vela por eles, trata-os como se tratam os bois; deixa-lhes apenas uma pequena porção dos seus trabalhos dolorosos; não lhes melhora a sorte, cerca-os de obstáculos e de dificuldades; forma-lhes em redor uma servidão que os prende a uma miséria que os esmaga; não lhes dá proteção; e, terrível coisa, não os instrui: deixa-lhes morrer a alma.

É por isso que os que têm coração e alma, e amam a justiça, devem lutar e combater pelo Povo. E ainda que não sejam escutados têm na amizade dele uma consolação suprema.

E dessa compreensão de que na sociedade capitalista o trabalho é alienado, nasce outra questão fundamental, qual seja, a de que se o espaço geográfico é materialização do trabalho, isto é, conjunto indissociável de *sistemas de objetos e de ações*, esse espaço também é alienado - estranho a sociedade que o produziu. E este entendimento é perceptível para aqueles que vivem cotidianamente as relações espaciais, basta pensarmos nos espaços segregados, no espaço desigual. Enfim, no espaço com “dono”, como bem lembra os versos da música do genial Zé Geraldo.

“CIDADÃO”

Zé Geraldo

Tá vendo aquele edifício moço?

Ajudei a levantar

Foi um tempo de aflição

Eram quatro condução

Duas pra ir, duas pra voltar

Hoje depois dele pronto

Olho pra cima e fico tonto

Mas me chega um cidadão

E me diz desconfiado, tu tá aí admirado

Ou tá querendo roubar?

Meu domingo tá perdido

Vou pra casa entristecido

Dá vontade de beber

E pra aumentar o meu tédio

Eu nem posso olhar pro prédio

Que eu ajudei a fazer [...].

No entanto, não devemos estudar o espaço geográfico apenas na perspectiva de que ele representa uma prisão para o trabalhador, reduzido, assim, a espaço do capital. Ao ensinar o educando a ler o espaço geográfico como fruto do trabalho coletivo, tendo o homem como criador desse espaço, abre-se a possibilidade de superação da alienação do trabalho e do espaço, portanto, da própria Geografia. É o que mostra o poema de Vinícius de Moraes “O Operário em Construção”.

“O OPERÁRIO EM CONSTRUÇÃO”

Vinícius de Moraes

Mas ele desconhecia
Esse fato extraordinário:
Que o operário faz a coisa
E a coisa faz o operário.
De forma que, certo dia
À mesa, ao cortar o pão
O operário foi tomado
De uma súbita emoção
Ao constatar assombrado
Que tudo naquela mesa
— Garrafa, prato, facão —
Era ele quem os fazia

Ele, um humilde operário,
Um operário em construção.
Olhou em torno: gamela
Banco, enxerga, caldeirão
Vidro, parede, janela
Casa, cidade, nação!
Tudo, tudo o que existia
Era ele quem o fazia
Ele, um humilde operário
Um operário que sabia
Exercer a profissão.
[...]
E um fato novo se viu
Que a todos admirava:
O que o operário dizia
Outro operário escutava.
E foi assim que o operário
Do edifício em construção
Que sempre dizia *sim*
Começou a dizer *não*.

E aprendeu a notar coisas
A que não dava atenção:
Notou que sua marmita
Era o prato do patrão
Que sua cerveja preta
Era o uísque do patrão
Que seu macacão de zuarte
Era o terno do patrão
Que o casebre onde morava
Era a mansão do patrão
Que seus dois pés andarilhos
Eram as rodas do patrão
Que a dureza do seu dia
Era a noite do patrão
Que sua imensa fadiga
Era amiga do patrão.
E o operário disse: Não!
E o operário fez-se forte
[...]
E o operário ouviu a voz
De todos os seus irmãos
Os seus irmãos que morreram
Por outros que viverão.
Uma esperança sincera
Cresceu no seu coração
E dentro da tarde mansa
Agigantou-se a razão
De um homem pobre e esqueci-
do
Razão porém que fizera
Em operário construído
O operário em construção

2.1 Podemos Falar em Aparência e Essência do Espaço Geográfico?

[...] toda ciência seria supérflua se houvesse coincidência imediata entre a aparência e a essência das coisas [...]
(MARX, 1974, Apud ALMEIDA, 2006, p.49).

A questão da aparência e da essência do espaço geográfico é um assunto fundamental para o ensino de Geografia. Por quê? Para responder a esta indagação é preciso lembrar o comentário feito na Unidade I, em que enfatizamos que a Geografia é bastante popular porque ela nos coloca em contato direto com o mundo a partir de nossa própria experiência cotidiana. Pois bem, se junta a isso o debate desta Unidade II, em que focamos essa experiência cotidiana como formadora de espaço.

Não existe apenas uma definição para Ideologia. Entretanto, optamos por destacar aquela que guarda maior proximidade com o pensamento marxista, que entende Ideologia como algo negativo. Dessa forma, Ideologia é uma forma de pensamento orientada para a reprodução da ordem estabelecida. Ou seja, o discurso ideológico procura mascarar, ocultar a realidade por meio da confusão entre o pensar e o ser. (LÖWY, 1987).

A fim de que o educando perceba a Geografia do dia-a-dia, é comum o(a) educador(a) pedir que ele descreva o espaço geográfico a sua volta, no trajeto casa-escola, casa-trabalho, etc. Essa atividade é básica, porém é incompleta se ela ficar no nível do visível, do aparente. Por quê?

Em função do poder da alienação humana e da **ideologia** presente no sistema capitalista, a realidade espacial percebida por todos nós nem sempre é suficiente para compreendermos o processo de sua construção e, portanto, a realidade. Logo, a Geografia, a fim de explicar a realidade e transformá-la, deve superar esse nível de compreensão, buscando sempre a essência da realidade, isto é, a totalidade do espaço geográfico. Ou seja, é preciso olhar a forma espacial a fim de identificá-la e descrevê-la, mas não devemos nos enganar achando que a forma pela forma é suficiente, ela é apenas a aparência. É fundamental ir além desse aspecto exterior do espaço. É necessário apreender o conteúdo que é a essência da forma espacial.

ATENÇÃO - CITAÇÃO TEXTUAL!

Segundo Santos, forma é o aspecto visível, exterior, de um objeto, referindo-se ainda ao arranjo deles, que passam a constituir um padrão espacial. Uma casa, um bairro, uma cidade e uma rede urbana são formas, formas espaciais de diferentes escalas. [...].

[...] se considerássemos que a partir da forma seria possível apreender a realidade em sua essência, incorreríamos em um grave erro. Tratar-se-ia da apreensão de um aspecto da realidade, a sua aparência, incapaz de permitir vê-la em sua concretização, porque sua essência aparece nos processos e funções que emanam da estrutura. [...]. (CORRÊA, 1986, p.76).

Para que se possa melhor entender essa discussão acerca da aparência e essência do espaço e, portanto, da realidade, vamos pensar, por exemplo, na imagem do êxodo rural que significa a saída do homem do campo para a cidade.



Migração Rural - Sebastião Salgado

Fonte: <http://www.landless-voices.org/vieira/archive-04.phtml?sc=3&ng=p&se=0&th=55>

Aparentemente o êxodo rural pode ser explicado como uma opção do camponês de sair do campo e ir morar na cidade, uma oportunidade motivada pela atração da modernidade representada pela cidade. Mas temos que perseguir insistentemente a essência, buscando questionar a causa do aparecimento do êxodo rural (por exemplo, a relação latifúndio-pobreza-migração), o universo social e regional da migração (geralmente Nordeste – Sudeste), as leis que regem a vida dessas pessoas. E, ainda, as contradições e interesses econômicos que desatam laços de família no local de origem e atam a migração ao desenvolvimento do capital, no local de destino.

Interagindo com o Texto!

1) Agora você deverá elaborar um fichamento do texto sobre a questão da produção e reprodução do espaço geográfico, lembrando que estamos chamando de Fichamento a busca pela interpretação da escrita. Nesse fichamento, você deve dar atenção aos seguintes elementos: contexto da época; principais conceitos; objetivo(s) do autor; considerações finais.

2) Pesquise em fotografias, postais, revistas, etc, uma paisagem e produza um texto descrevendo as possíveis relações existentes entre o objeto (forma espacial) e a ação que o movimenta (conteúdo). Em seguida, classifique as informações que são de fácil percepção (aquelas que estão na aparência do objeto) e as de difícil percepção (aquelas que estão na essência do objeto). Depois discuta com seus colegas e apresente as conclusões do grupo.

Indicação de Filme:

BREVE SINOPSE DOS FILMES:

TÍTULO DO FILME: Tempos Modernos (Modern Times, EUA 1936)

DIREÇÃO: Charles Chaplin

FICHA TÉCNICA: 87 min. Preto e Branco, Continental

Trata-se do último filme mudo de Chaplin que focaliza a vida urbana nos Estados Unidos nos anos 30, imediatamente após a crise de 1929, quando a depressão atingiu toda a sociedade norte-americana, levando grande parte da população ao desemprego e à fome.



leaving the population unemployed and hungry. The central figure of the film is Charlot, the classic character of Chaplin, who, after getting a job in a large industry, becomes a union leader knowing a young woman

quem se apaixonou. O filme focaliza a vida na sociedade industrial caracterizada pela produção com base no sistema de linha de montagem e especialização do trabalho. É uma crítica à “modernidade” e ao capitalismo representado pelo modelo de industrialização em que o operário é engolido pelo poder do capital e perseguido por suas idéias “subversivas”. Em sua segunda parte, o filme trata das desigualdades entre a vida dos pobres e das camadas mais abastadas, sem representar, contudo, diferenças nas perspectivas de vida de cada grupo. Mostra ainda que a mesma sociedade capitalista que explora o proletariado, alimenta todo o conforto e a diversão para a burguesia. Cenas como a que Carlitos e a menina órfã conversam no jardim de uma casa, ou aquela em que Carlitos e sua namorada encontram-se numa loja de departamento, ilustram bem essas questões. Se inicialmente o lançamento do filme chegou a dar prejuízo, mais tarde tornou-se um clássico na história do cinema. Chegou a ser proibido na Alemanha de Hitler e na Itália de Mussolini por ser considerado “socialista”.

Fonte: <http://www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=181>

TÍTULO DO FILME: Ilha Das Flores (BRASIL, 1989)

DIREÇÃO: Jorge Furtado

FICHA TÉCNICA: 13 min. Colorido, Produção da Casa de Cinema PoA



Um ácido e divertido retrato da mecânica da sociedade de consumo, tendo como palco a cidade de Belém Novo, município de Porto Alegre, estado do Rio Grande do Sul. Acompanhando a trajetória de um simples tomate, desde a plantação até ser jogado fora, o curta escancara o processo de geração de riqueza e as desigualdades que surgem no meio do caminho.

Fonte: <http://www.portacurtas.com.br/Filme.asp?Cod=647>

REFERÊNCIAS DO TEXTO:

BOBBIO, Norberto et al. **Dicionário de política**. Tradução de Carmem C. Varrialle et al. 4. ed. Brasília: Editora da UnB, 1992.

CARLOS, Ana F. A. **Espaço e indústria**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 1991.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Região e organização espacial**. São Paulo: Ática, 1986. (Princípios, 53).

RESENDE, Márcia S. **A geografia do aluno trabalhador**. São Paulo: Edições Loyola, 1989. (Educação Popular, nº 5).

SANTOS, Milton. **Por uma geografia nova**. São Paulo: Hucitec, 1990.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. São Paulo: Hucitec, 1997.

SCHERER-WARREN, Ilse, KRISCHKE, Paulo (Orgs.). **Uma revolução no cotidiano?** Os novos movimentos sociais na América do Sul. São Paulo: Brasiliense, 1987.

Saber Mais!

Sugestão de Leitura!

CASTROGIOVANNI, Antonio C. et al (Org.). **Geografia em sala de aula**. 4. ed. Rio Grande do Sul: UFRGS, 2003.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1994.

SPOSITO, Maria E. B. **Capitalismo e urbanização**. São Paulo: Contexto, 1997.

Unidade 3

RELAÇÃO CAMPO-CIDADE E
QUESTÃO AMBIENTAL

TEXTO

A compreensão dos processos que atuam na construção/expansão de grande parte das cidades passa pela igualmente necessária compreensão dos processos que atuam no campo.

(OLIVEIRA, 1999, p. 104).

Para discutir a relação campo-cidade na atualidade, é preciso lembrar que no início da expansão do modo capitalista de produção, a marca registrada foi a separação campo-cidade, ou melhor, a separação agricultura-indústria. Pois bem, no capitalismo contemporâneo o que vivenciamos é o contrário disso, ou seja, o desenvolvimento do capitalismo no campo vem impondo uma nova relação campo-cidade, rompendo assim a antiga separação. Por outro lado, isso não significa a eliminação das especificidades campo-cidade, mas a soldagem campo-cidade por meio de uma união contraditória.

E essa soldagem se expressa, por exemplo, na presença, cada dia mais comum, na cidade, do trabalhador assalariado do campo (chamado de bóia-fria). Estamos identificando como bóia-fria aquele que trabalha no campo e mora na cidade. O mesmo processo, de estreitamento das relações campo-cidade, se dá com certos setores da indústria como o sucroalcooleiro. É provável que você conheça alguma usina de álcool e açúcar instalada no campo, estas empresas são identificadas como agroindústrias porque processam e transformam no campo a matéria-prima.

Outro exemplo desta soldagem campo-cidade são as lutas dos **movimentos sociais** do campo. Embora a pauta de reivindicações esteja voltada para o campo, a luta se desenvolve na cidade com caminhadas, ocupações de prédios públicos, bloqueios de estradas, etc. É por isso que os movimentos sociais costumam afirmar que “*a terra se conquista no campo, mas a luta se faz é na cidade*”. Portanto, não é possível negar que a cidade, em especial, a **metrópole**, é o espaço de visibilidade da sociedade, logo, de seus conflitos.

O texto deste Fascículo não tem pretensão de fazer uma discussão aprofundada do que vem a ser campo e cidade no sentido de precisar os limites de um e de outro. Até porque no Brasil esse debate encontra-se aberto, pois a definição oficial de cidade que temos é pouco criteriosa ao considerar cidades todas as sedes municipais. É preciso, portanto, um debate mais voltado a pensar as

Movimentos Sociais são entendidos como um processo coletivo e comunicativo realizado por indivíduos em protesto contra situações sociais existentes. Sendo que sua relevância está no fato de que mesmo enfrentando situação adversa, podem contribuir para mudanças qualitativas na sociedade. Exemplo de movimento social de grande expressão na atualidade é o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra/MST (SCHERER-WARREN, 1987).

Etimologicamente falando Metrópole significa cidade-mãe. Ou seja, é uma cidade que possui grande influência funcional, econômica e social sobre outras cidades menores. O IBGE considera metrópoles as cidades com população acima de 1 milhão de habitantes.



Trabalho na Cana - Sebastião Salgado



Caminhada - MST – Douglas Mansur

relações entre os lugares que caracterizam esses espaços e isso implica considerar cultura, trabalho, memória, por exemplo. Dito de outra forma, para pensar o que é urbano e, portanto, não é rural, é necessário ir além da densidade demográfica e das atividades econômicas. É preciso apreender as relações que as pessoas travam na construção daquele espaço. Isso significa dizer que, embora alguns espaços apareçam como cidades, o modo de vida (trabalho, lazer, cultura, etc) desta população é rural. Você, acadêmico(a), provavelmente conhece alguma cidade cujo centro relacional é rural, ou seja, uma cidade onde a vida social e econômica gravita em torno do campo. Inclusive essa ampliação do conceito teria consequências decisivas para o debate acerca dos índices de urbanização no Brasil que, acreditamos, seriam bem menores.

O que nos parece importante neste Fascículo é debatermos os processos em andamento nesses espaços, a fim de pensarmos: por que a indústria está no campo? Por que os trabalhadores do campo estão na cidade? Quem são os **Sem-Terra** e os **Sem-Teto**? Enfim, por que homens e mulheres do campo e da cidade estão em luta pela **Reforma Agrária**?

3.1 Qual o Recorte Espacial para Ensinar Campo Cidade e Questão Ambiental?

Como o conhecimento é cada vez mais complexo e abrangente, no ensino de Geografia, como em qualquer ciência, é preciso eleger recortes que, por sua vez, definem conteúdos. Logo, estamos considerando que não é possível ensinar tudo.

ATENÇÃO - CITAÇÃO TEXTUAL!

A seleção dos conteúdos a serem estudados deve considerar a realidade dos alunos da escola, para que se alcance aqueles que

Sem-Terra são sujeitos coletivos, cuja identidade foi gestada no processo secular de luta pela terra no Brasil. Na atualidade, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra é o que apresenta maior grau de articulação entre os inúmeros Movimentos de luta pela terra. Ele foi constituído oficialmente em 1984 e sua principal estratégia de luta são as ocupações de terras ociosas e a formação de acampamentos, verdadeiras cidades de lona a explicitar a injusta distribuição de terras no Brasil.

Sem-Teto são grupos organizados e constituídos como movimento social. De modo geral, são pessoas à margem das políticas habitacionais e que lutam para nelas de inserirem. Em 1990, constituiu-se oficialmente o Movimento Nacional de Luta pela Moradia – MNLM. A Fundação Getúlio Vargas, em julho de 2007, calculou em 6,9 milhões de moradias o déficit habitacional brasileiro.

Reforma Agrária é o conjunto de medidas que visam promover melhor distribuição da terra, mediante modificações no regime de sua posse e uso, a fim de atender aos princípios de justiça social e ao aumento de produtividade.

são o motivo primeiro do processo de educação: os estudantes. Como já foi dito, a quantidade e a extensão do conteúdo são tamanhas que não se pode trabalhar tudo. É preciso uma seleção: o que for trabalhado deverá servir como um instrumento capaz de permitir que o aluno se situe no mundo, compreenda-o, e saiba como buscar as demais informações de que precisa. A questão é, acima de tudo, metodológica, oportunizando ao aluno um instrumental capaz de poder fazer a análise geográfica. (CALLAI, 2003, p. 62).

Deste modo, é preciso falar em **escala de análise** como balizador fundamental no estudo do espaço geográfico, principalmente porque os fenômenos globais são localizados temporal e territorialmente no lugar. Para Santos (2000, p. 52) “*é o lugar que dá conta do mundo*”.

Logo, nessa busca de eger recortes para o ensino de Geografia, é preciso pensar alguns conceitos importantes que ajudam a operacionalizar a compreensão do espaço geográfico, uma vez que eles expressam diferentes possibilidades de leitura. Dentre eles destacamos: *paisagem, região, lugar, território*. Em função do espaço sucinto deste Fascículo, daremos ênfase aos conceitos de **Lugar** e **Território**.

LUGAR: O conceito de lugar tem conquistado importância decisiva principalmente como ponto de partida no ensino de Geografia. Essa importância se deve ao fato de que o lugar passou a ser entendido como o espaço vivido, portanto de existência e coexistência humana. Dito de outra forma, o lugar é o espaço concreto do aluno, além disso, é onde as relações globais se empirizam, tornando-se visíveis, daí a força do lugar tanto na manutenção como na subversão da ordem. Logo, o lugar passa a ser entendido como produto de múltiplas determinações locais e globais, como ensina Santos (1997).

TERRITÓRIO: Apesar da centralidade que os conceitos de região (escola francesa) e espaço (escola brasileira) ocupam no pensamento geográfico, o conceito de território tem ganhado notoriedade, principalmente nas análises de cunho marxista em que o conceito é entendido como conflito social. Nos escritos de Marx de 1857 (p. 87) depreende-se a compreensão do território como espaço em disputa, quando escreve: “*O que faz com que uma região da terra seja um território de caça é o fato das tribos caçarem nela*”. Nesse sentido, é inerente ao conceito de território a luta, logo ele “*é produto concreto da luta de classes travada pela sociedade no processo de produção de sua existência*” (OLIVEIRA, 1999, p. 74).

Provocando!

Se os conceitos de Lugar e Território são fundamentais para se entender o espaço geográfico e a luta de classes, como trabalhar esses conceitos com os educandos? Com vista a contribuir, Straforini (2004, p. 24) se refere ao ensino do lugar, dizendo: “[...] *optamos em utilizar a categoria lugar, uma vez que ao trabalharmos com crianças é sempre necessário ter como referência o próximo e o vivido. [...] O lugar é, para nós, a possibilidade da empiricização do mundo, ou seja, é no lugar que o mundo - a totalidade - se faz sentir*”. Logo, uma possibilidade que se abre para Geografia é o ensino do lugar por meio do “mapa mental” e do “guia de percurso urbano”.

MAPA MENTAL: o mapa mental é um recurso importante para compreender o lugar a partir do olhar daqueles que nele vivem. É comum o uso do mapa mental como metodologia de investigação sobre percepção ambiental, pois ele tem como base a descrição que as pessoas fazem dos lugares (trajeto casa-escola; casa-trabalho, etc). Geralmente essas imagens mentais estão repletas de traços socioculturais e são relacionadas às características do mundo real. Acima de tudo, a importância deste recurso está no fato de que ele evidencia aquilo que é importante no olhar do outro, no caso do educando, e que merece ser representado. Abrindo também para a possibilidade de se trabalhar a partir do desenho com a noção de escala e proporção. (NOGUEIRA, 2002).

GUIA DE PERCURSO URBANO: “A elaboração de um guia de percurso urbano, entendido como o relato de características formais e funcionais de um trecho selecionado da malha urbana, pelos próprios alunos, é uma atividade que se insere entre as múltiplas possibilidades de trabalho fora da sala de aula que o professor de geografia pode desenvolver. [...] Um guia de percurso urbano suscita uma série de questões que podem merecer posterior tratamento através de outros procedimentos pedagógicos de caráter problematizador. Neste caso, estão as indagações sobre a forma original do sítio urbano e os impactos ambientais resultantes da ocupação humana; sobre as condições que geraram a atual configuração; sobre a integração espacial aos elementos que constituem a área percorrida; sobre o conteúdo arquitetônico dos principais prédios e monumentos do percurso; sobre a integração entre o espaço percorrido e os espaços próximos; sobre a relação entre o morador e seu lugar de vida.” (GELPI; SCHÄFFER, 2003, p. 119 e 125-126).

3.2 A Questão Agrária-Ambiental: Território em Disputa?

Agora que já trabalhamos o conceito de lugar, vamos discutir a importância do conceito de território para o ensino de Geografia. Como citado anteriormente, o território vem ganhando importância na Geografia brasileira como conceito explicativo da realidade, principalmente nos estudos de influência marxista em que o território é compreendido a partir do conflito social, ou seja, espaço em disputa. E, nessa disputa, infelizmente, os pobres do campo têm sido as vítimas constantes como nos versos cantados, lamentavelmente tão atuais, de João Cabral de Melo Neto.

“MORTE E VIDA SEVERINA”

João Cabral de Melo Neto

*Essa cova em que estás,
com palmos medida,
é a cota menor
que tiraste em vida.
- é de bom tamanho,
nem largo nem fundo,
é a parte que te cabe
neste latifúndio.
- Não é cova grande.
é cova medida,
é a terra que querias
ver dividida.*

*- é uma cova grande
para teu pouco defunto,
mas estarás mais ancho
que estavas no mundo.
- é uma cova grande
para teu defunto parco,
porém mais que no mundo
te sentirás largo.
- é uma cova grande
para a tua carne pouca,
mas a terra dada
não se abre a boca.*

Buscando dar maior visibilidade ao conceito de território como instância de conflito da sociedade, vamos introduzir o grande nó da questão agrária no Brasil contemporâneo. Isso significa dizer que partimos do pressuposto de que no Brasil existe uma disputa em torno de dois projetos de desenvolvimento para o campo: um representado pelo Campesinato e outro representado pelo Agronegócio.



Leia com atenção a paráfrase que complementa o texto:

Falar em Campesinato é remeter a uma classe social que possui caráter duplice no processo social: é ao mesmo tempo proprietária de terra e dona da força de trabalho. Portanto, é distinta do operário que vive apenas do salário, do burguês que vive do lucro e do proprietário da terra que vive da renda. É bom lembrar também que essa classe social é bastante heterogênea no campo brasileiro, ou seja, tem forte caráter regional podendo ser reconhecida nos colonos do sul (origem do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra-MST), no caipira do interior paulista, nos seringueiros, nos ribeirinhos, indígenas, remanes-

centes de quilombos, meeiros, posseiros, assentados, enfim, é bastante peculiar. (ALMEIDA, 2006).

Leia com atenção a paráfrase que complementa o texto:



O Agronegócio não é novo, seu ideário é fruto da Revolução Verde ou Modernização da Agricultura que ocorreu no Brasil a partir de 1970, ele é símbolo da agricultura capitalista. Este processo conhecido como “Revolução Verde” produziu uma mudança na base técnica da agricultura com a introdução, via financiamentos, de insumos, tais como: fertilizantes, defensivos, rações, sementes, combustíveis e a maquinaria (tratores, colheitadeiras e outros equipamentos), todos provenientes de setores industriais. O Agronegócio, ao contrário do campesinato, se concentra nos produtos agropecuários que têm alta lucratividade, as chamadas *commodities* (produtos com preços orientados pela bolsa de mercadorias e futuros) voltadas à exportação (soja, laranja, carne bovina, açúcar, etc). Além de trazer um ideário de modernidade ao latifúndio, outra novidade do agronegócio é buscar ser uma categoria homogeneizadora. Logo, não há critério rígido quando a questão é a contabilidade produtiva do agronegócio, deste modo, quando se fala em milhões de toneladas de grãos e de valores, agrega-se a produção dos camponeses, bem como os setores da economia voltados a distribuição e processamento dos produtos. Alguns autores como Oliveira (2003) e Gonçalves (2004), têm denunciado aquilo que chamam de barbárie do agronegócio representada pela violência contra os sem-terra e a crise alimentar-ambiental. Portanto, sua insustentabilidade.

Grosso modo, podemos dizer então, que a lógica camponesa se centra na tríade família, trabalho e terra, enquanto a lógica do Agronegócio, no lucro e na renda. Daí o conflito permanente, gerando um território em disputa. Por isso é importante entender as consequências para a sociedade e para a natureza desses diferentes modelos. Não se trata aqui de negar o Agronegócio, muito menos ignorar a importância dos produtos como, por exemplo, a cana tão necessária no sítio camponês e na cidade; mas de se questionar o modelo baseado na monocultura, na grande propriedade e na exportação.

Expondo deste modo o limite social e ambiental do Agronegócio e, mais, interrogando sobre o financiamento que o Estado tem dado às *commodities* em prejuízo da produção familiar, por entendermos que: “*Os recursos do fundo público devem ser destinados aos pequenos camponeses e sobretudo à Reforma Agrária. Os capitalistas mundializados devem arcar com sua condição de capitalista e fazer os investimentos com recursos próprios.*” (OLIVEIRA, 2003, p. 153).

Portanto, essas diferentes lógicas de desenvolvimento do campo, a camponesa, centrada na reprodução da vida, e a do Agronegócio, voltada à reprodução do capital, deixam *imagens territoriais* e representam territórios distintos e cabe ao ensino da Geografia desvendar a aparência e a essência desse espaço.



Assentamento Pontal do Faia

Fonte: Kudlavicz, M., Jan/2007



Plantio de Eucalipto

Fonte: Kudlavicz, M., Fev/2008

A agroecologia não pode ser reduzida a um modelo de agricultura ecológica, ela se constitui num conjunto de orientações que vão muito além de aspectos meramente tecnológicos ou agrônômicos da produção agropecuária. Suas contribuições exigem uma mudança paradigmática da ciência, numa superação da visão fragmentada pela visão holística, incluindo assim os mais diversos campos do saber com suas variáveis econômicas, sociais, ecológicas, culturais, religiosas, éticas. Portanto, falar em transição agroecológica corresponde à aplicação de conceitos e princípios de todas as áreas do conhecimento comprometidas com o redesenho e o manejo de agroecossistemas mais sustentáveis no tempo. Portanto, “a agroecologia nos traz a ideia e a expectativa de uma nova agricultura, capaz de fazer bem aos homens e ao meio ambiente como um todo, afastando-nos da orientação dominante de uma agricultura intensiva em capital, energia e recursos naturais não renováveis, agressiva ao meio ambiente, excludente do ponto de vista social e causadora de dependência econômica”. (CAPORAL & COSTABEBER, 2002, p. 13).

A visibilidade desta essência pode ser encontrada no contraste entre as pequenas unidades de produção camponesas e as imensas áreas ocupadas por lavouras de monoculturas do Agronegócio. No entanto, apesar do poder hegemônico do capital, a produção familiar e **agroecológica** resiste e luta para dominar frações do território capitalista, colocando-as a serviço da produção camponesa. E isso beneficia não somente o camponês, mas também os que vivem na cidade, porque a maioria dos alimentos básicos da mesa do trabalhador brasileiro vem da terra camponesa, como tem evidenciado os dados do Censo Agropecuário do IBGE (1995/6). Essa, certamente, é a face necessária da relação campo-cidade e que deve inspirar a aliança entre os camponeses e os operários. Neste sentido, vale o poema de esperança de Thiago de Mello.

“MADRUGADA CAMPONESA”

Thiago de Mello

*Madrugada camponesa
Faz escuro ainda no chão
Mas é preciso plantar:
A noite já foi mais noite,
A manhã já vai chegar.*

*Não vale mais a canção
Feito de medo e arremedo
Para enganar solidão.
Agora vale a verdade
Cantada simples e sempre,
Agora vale a alegria
Que se constrói dia-a-dia
Feita de canto e de pão.*

*Breve há de ser (sinto no ar)
Tempo de trigo maduro*

*Vai ser tempo de ceifar:
Já se levantam prodígios,
Chuva azul no milharal,
Estala em flor o feijão,
Um leite novo minando
No meu longe seringal.
Já é quase tempo de amor:
Colho um sol que arde no chão,
Lavro a luz dentro da cana,
minha alma no seu pendão.*

*Madrugada camponesa.
Faz escuro (já nem tanto)
Vale a pena trabalhar,
Faz escuro, mas eu canto
Porque a manhã vai chegar.*

Por outro lado, nesse território em disputa entre camponeses (agricultura familiar) e capitalistas (agricultura empresarial) tem crescido o apoio da sociedade aos camponeses. Basicamente porque estamos vivendo uma crise socioambiental, na qual se tem colocado a insustentabilidade da agricultura química, pois as monoculturas criam cada vez mais pragas aumentando os problemas com insetos, fungos e ervas chamadas “daninhas”. Para contornar esses problemas, é oferecido um instrumental técnico-científico oriundo da Revolução Verde que aumenta drasticamente os custos de produção para o agricultor e dilapida o patrimônio ambiental, criando um ciclo perverso. (GONÇALVES, 2004).

Por conseguinte, avança a idéia e a expectativa de uma agricultura menos agressiva ao meio ambiente, promotora de inclusão social e de melhores condições socioeconômicas, bem como, vinculada à oferta de alimentos isentos de resíduos químicos em oposição àqueles oriundos do modelo convencional da Revolução Verde. Isso acontece porque parte significativa da sociedade, em meio à crise social e ambiental que vivemos, tem entendido que o homem precisa superar a alienação do trabalho e também da natureza para compreender que é parte dela. E como disse o Chefe Seattle ao Presidente dos EUA em 1854: *“o que ocorrer com a terra, recairá sobre os filhos da terra. Há uma ligação em tudo.”*

TEXTO DO CHEFE SEATTLE AO PRESIDENTE DOS EUA EM 1854

No ano de 1854, o presidente do Estados Unidos fez a uma tribo indígena a proposta de comprar grande parte de suas terras, oferecendo em contrapartida, a concessão de uma outra “Reserva”. O texto da resposta do Chefe Seattle tem sido considerado, através dos tempos, um dos mais belos e profundos pronunciamentos já feitos a respeito da defesa do meio ambiente.

A Primeira Declaração Ecológica

Como é que se pode comprar ou vender o céu, o calor da terra? Essa ideia nos parece estranha. Se não possuímos o frescor do ar e o brilho da água, como é possível comprá-los.

Cada pedaço desta terra é sagrado para o meu povo. Cada ramo brilhante de um pinheiro, cada punhado de areia das praias, a penumbra na floresta densa, cada clareira e inseto a zumbir são sagrados na memória e experiência de meu povo. A selva que percorre o corpo das árvores carrega consigo as lembranças do homem vermelho.

Os mortos do homem branco esquecem sua terra de origem quando vão caminhar entre as estrelas. Nossos mortos jamais

esquecem esta bela terra, pois ela é a mãe do homem vermelho. Somos parte da terra e ela faz parte de nós. As flores perfumadas são nossas irmãs; o cervo, o cavalo, a grande águia, são nossos irmãos. Os picos rochosos, os sulcos úmidos nas campinas, o calor do corpo do potro, e o homem – todos pertencem a mesma família.

Portanto, quando o Grande Chefe em Washington manda dizer que deseja comprar nossa terra, pede muito de nós. O Grande Chefe diz que nos reservará um lugar onde possamos viver satisfeitos. Ele será nosso pai e nós seremos seus filhos. Portanto, nós vamos considerar sua oferta de comprar nossa terra. Mas isso não será fácil. Esta terra é sagrada para nós.

Essa água brilhante que escorre nos riachos e rios não é apenas água, mas o sangue de nossos antepassados. Se lhes vendermos a terra, vocês devem lembrar-se de que ela é sagrada, e devem ensinar as suas crianças que ela é sagrada e que cada reflexo nas águas límpidas dos lagos fala de acontecimentos e lembranças da vida de meu povo. O murmúrio das águas é a voz de meus ancestrais.

Os rios são nossos irmãos, saciam nossa sede. Os rios carregam nossas canoas e alimentam nossas crianças. Se lhes vendermos nossa terra, vocês devem lembrar e ensinar a seus filhos que os rios são nossos irmãos e seus também. E, portanto, vocês devem dar aos rios a bondade que dedicariam a qualquer irmão.

Sabemos que o homem branco não compreende nossos costumes. Uma porção da terra, para ele, tem o mesmo significado que qualquer outra, pois é um forasteiro que vem à noite extrair da terra aquilo de que necessita. A terra não é sua irmã, mas sua inimiga, e quando ele a conquista, prossegue seu caminho. Deixa para trás os túmulos de seus antepassados e não se incomoda. Rapta da terra aquilo que seria de seus filhos e não se importa. A sepultura de seu pai e os direitos de seus filhos são esquecidos. Trata sua mãe, a terra, e seu irmão, o céu, como coisas que possam ser compradas, saqueadas, vendidas como carneiro ou enfeites coloridos. Seu apetite devorará a terra, deixando somente um deserto.

Eu não sei, nossos costumes são diferentes dos seus. A visão de suas cidades fere os olhos do homem vermelho. Talvez seja porque o homem vermelho é um selvagem e não compreenda. Não há um lugar quieto nas cidades do homem branco. Nenhum lugar onde se possa ouvir o desabrochar de folhas na primavera ou o bater das asas de um inseto. Mas talvez seja porque eu sou um selvagem e não compreendo. O ruído parece somente insultar os ouvidos. E o que resta da vida se um homem não pode ouvir o choro solitário de uma ave ou o debate dos sapos ao redor de uma lagoa, à noite? Eu sou um homem vermelho e não

compreendo. O índio prefere o suave murmúrio do vento encrespando a face do lago, e o próprio vento, limpo por uma chuva diurna ou perfumado pelos pinheiros.

O ar é precioso para o homem vermelho, pois todas as coisas compartilham o mesmo sopro – o animal, a árvore, o homem, todos compartilham o mesmo sopro. Parece que o homem branco não sente o ar que respira. Como um homem agonizante há vários dias é insensível ao mau cheiro. Mas se vendermos nossa terra ao homem branco, ele deve lembrar que o ar é precioso para nós, que o ar compartilha seu espírito com toda a vida que mantém. O vento que deu a nosso avô seu primeiro inspirar também recebe seu últimos suspiro. Se lhes vendermos nossa terra, vocês devem mantê-la intacta e sagrada, como um lugar onde até mesmo o homem branco possa ir saborear o vento açucarado pelas flores dos prados.

Portanto, vamos meditar sobre sua oferta de comprar nossa terra. Se decidirmos aceitar, imporei uma condição, o homem branco deve tratar os animais desta terra como seus irmãos.

Sou um selvagem e não compreendo qualquer outra forma de agir. Vi um milhar de búfalos apodrecendo na planície, abandonados pelo homem branco que os alvejou de um trem ao passar. Eu sou um selvagem e não compreendo como é que o fumegante cavalo de ferro pode ser mais importante que o búfalo, que sacrificamos somente para permanecer vivos.

O que é o homem sem os animais? Se todos os animais se fossem o homem morreria de uma grande solidão de espírito. Pois o que ocorre com os animais, breve acontece com o homem. Há uma ligação em tudo.

Vocês devem ensinar às suas crianças que o solo a seus pés é a cinza de nossas avós. Para que respeitem a terra, digam aos seus filhos que ela foi enriquecida com as vidas de nosso povo. Ensinem às suas crianças o que ensinam às nossas que a terra é nossa mãe. Tudo o que acontecer a terra, acontecerá aos filhos da terra. Se os homens cospem no solo, estão cuspiendo em si mesmos.

Isto sabemos: a terra não pertence ao homem; homem pertence à terra. Isto sabemos: todas as coisas estão ligadas, como o sangue que une uma família. Há uma ligação em tudo.

O que ocorrer com a terra recairá sobre os filhos da terra. O homem não tramou o tecido da vida; ele é simplesmente um de seus fios. Tudo o que fizer ao tecido, fará a si mesmo.

Mesmo o homem branco, cujo Deus caminha e fala com ele de amigo para amigo, não pode estar isento do destino comum. É possível que sejamos irmãos, apesar de tudo. Veremos. De uma coisa estamos certos – e o homem branco poderá vir a descobrir um dia: nosso Deus é o mesmo Deus. Vocês podem pensar que o possuem, como desejam possuir nossa terra, mas não é pos-

sível. Ele é o Deus do homem, e Sua compaixão é igual para o homem vermelho e para o homem branco. A terra lhe é preciosa, e feri-la é desprezar seu criador. Os brancos também passarão; talvez mais cedo que todas as outras tribos. Contaminam suas casas, e uma noite serão sufocados pelos próprios dejetos. Mas quando de sua desapareição, vocês brilharão intensamente, iluminados pela força de Deus que os trouxe para esta terra e por alguma razão especial lhes deu o domínio sobre a terra e sobre o homem vermelho. Esse destino é um mistério para nós, pois não compreendemos que todos os búfalos sejam exterminados, os cavalos bravios sejam todos dominados, os recantos secretos da floresta densa impregnadas do cheiro de muitos homens, e a visão dos morros obstruída por fios que falam. Onde está o arvoredo? Desapareceu. Onde está a águia? Desapareceu. É o final da vida e início da sobrevivência.

Texto de domínio público distribuído pela ONU.

Interagindo com o Texto!

1) Compare os poemas “Morte e Vida Severina” e “Madrugada Camponesa”. Apesar de retratarem a vida no campo, eles representam situações antagônicas. Em seguida, faça a ilustração dessas poesias e produza um texto destacando os limites e as perspectivas para o Campesinato no Brasil. Depois discuta com seus colegas e apresente as conclusões do grupo.

2) Escolha e assista a um filme que retrate os seguintes temas: Êxodo rural, problemas urbano-rurais, questão ambiental (preferencialmente os filmes indicados no final das Unidades). Em seguida, procure relacionar o filme com as questões apresentadas no Texto desta Unidade. Depois discuta com seus colegas e apresente as conclusões do grupo.

Indicação de Filme:

BREVE SINOPSE DOS FILMES:

TÍTULO DO FILME: Cabra Marcado Para Morrer (BRASIL, 1984)

DIREÇÃO: EDUARDO COUTINHO

FICHA TÉCNICA: 120 min. Colorido, Globo Vídeo

Em fevereiro de 1964 inicia-se a produção de Cabra Marcado Para Morrer, que contaria a história política do líder da liga camponesa de Sapé (Paraíba), João Pedro Teixeira, assassinado em 1962. No entanto, com o golpe de 31 de março, as forças militares cercam a locação no engenho da Galiléia e interrom-



pem as filmagens. Dezesete anos depois, o diretor Eduardo Coutinho volta à região e reencontra a viúva de João Pedro, Elisabeth Teixeira – que até então vivia na clandestinidade – e muitos dos outros camponeses que haviam atuado no filme antes brutalmente interrompido.

Fonte: <http://www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=181>

TÍTULO DO FILME: Terra Para Rose (BRASIL, 1985)

DIREÇÃO: Tetê Moraes

FICHA TÉCNICA: 84 min. Colorido - Documentário



1985. Nova República, fim da ditadura, a esperança brota país afora. No Rio Grande do Sul, camponeses ocupam a fazenda Annoni, considerada improdutivo. Cerca de 1.500 famílias, mais de 4 mil pessoas. Cansados de esperar pela desapropriação de terras em processos que se arrastavam por décadas, os trabalhadores rurais começam a se organizar. Era o começo do movimento dos sem-terra. Tetê Moraes já presenciara conflitos em torno da terra antes e resolveu documentar este. A Rose do título é a sem-terra que tem o primeiro bebê nascido no acampamento da fazenda Annoni, mas morre em circunstâncias suspeitas. O filme ganhou seis prêmios no Festival de Brasília e dois no Festival de Havana.

Fonte: <http://www.cptnac.com.br>

TÍTULO DO FILME: Amazônia Revelada - Os Descaminhos ao Longo da BR-163 (BRASIL, 2005)

DIREÇÃO: Maurício Torres (org.)

FICHA TÉCNICA: 90 min. Colorido – Documentário/CNPq-DNIT



Amazônia Revelada retrata a rodovia BR 163, a Cuiabá - Santarém, estrada de terra que entre as duas cidades cruza uma Amazônia desigual. A indústria da soja contrasta com a pobreza das pessoas que vivem na região, cuja complexidade transparece na multiplicidade dos artigos com diferentes abordagens. Partindo do asfaltamento da rodovia, os articulistas trazem questões que fogem do lugar co-

num sobre o desenvolvimento da Amazônia veiculado na mídia em geral. “Amazônia Revelada” é um filme (e um livro) focado nas pessoas que moram nos arredores da estrada e na preservação ambiental, assim como no tão falado desenvolvimento econômico. Os autores pensam a região de forma ampla, levando em conta as dificuldades de escoamento da produção agrícola do Mato Grosso, mas indo além da visão exclusivamente mercadológica. Assim, em “A Amazônia Revelada”, entende-se que o desenvolvimento da região requer melhoria das condições de vida da população e desenvolvimento econômico sustentável. Ao longo da estrada são comuns problemas como grilagem, exploração indevida das terras indígenas por agricultores ou mineradores e, principalmente, a pobreza de milhões de pessoas.

Fonte: <http://agenciact.mct.gov.br>

REFERÊNCIAS DO TEXTO:

- CALLAI, Helena C. O ensino de Geografia: recortes espaciais para análise. In: CASTROGIOVANNI, Antonio C. et al (Org.). **Geografia em sala de aula**. 4. ed. Rio Grande do Sul: UFRGS, 2003.
- CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, José Antônio. Agroecologia. Enfoque Científico e Estratégico. In: **Agroecologia e desenvolvimento sustentável**. Porto Alegre: EMATER/RS, v.03, n. 02, abr./junh. 2002.
- GELPE, Adriana, SCHÄFFER, Neiva O. Guia de percurso urbano. In: CASTROGIOVANNI, Antonio C. et al (Org.). **Geografia em sala de aula**. 4. ed. Rio Grande do Sul: UFRGS, 2003.
- GONÇALVES, Carlos Walter Porto. Geografia da riqueza, fome e meio ambiente: pequena contribuição crítica ao atual modelo agrário/agrícola de uso dos recursos naturais. In: OLIVEIRA, Ariovaldo U. de; MARQUES, Marta I. M. (Org.). **O campo no século XXI: território de vida, de luta e de construção da justiça social**. São Paulo: Casa amarela; Paz e Terra, 2004.
- MARX, Karl. **Formações econômicas pré-capitalistas**. 4. ed. São Paulo: Paz e terra, 1985.
- NOGUEIRA, Amélia R. B. Mapa mental: recurso didático para o estudo do lugar. In: PONTUSCHKA, Nídia N., OLIVEIRA, Ariovaldo U. (Org.). **Geografia em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 2002.
- OLIVEIRA, Ariovaldo U. Barbárie e Modernidade: as transformações no campo e o agronegócio no Brasil. **Revista Terra Livre**, São Paulo: AGB, n. 21, p. 113-156, 2003.
- OLIVEIRA, Ariovaldo U. de. A geografia agrária e as transformações territoriais recentes no campo brasileiro. In: CARLOS, Ana F. A. (Org.). **Novos caminhos da geografia**. São Paulo: Contexto, 1999.
- SEABRA, Odete et al. **Território e sociedade**. Entrevista com Milton Santos. São Paulo: Perseu Abramo, 2000.
- STRAFORINI, Rafael. **Ensinar geografia: o desafio da totalidade-mundo nas séries iniciais**. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2004.



Saber Mais!

Sugestão de Leitura!

AB'SABER, Aziz. **Os domínios de natureza no Brasil**. São Paulo: Ateliê, 2003.

CARLOS, Ana F. **A cidade**. São Paulo: Contexto, 1997.

OLIVEIRA, Ariovaldo U. de; MARQUES, Marta I. M. (Org.). **O campo no século XXI: território de vida, de luta e de construção da justiça social**. São Paulo: Casa amarela; Paz e Terra, 2004.

OLIVEIRA, Ariovaldo U. de. **Geografia das lutas no campo**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

SANTOS, Milton et al (Org.). **O novo mapa do mundo: território, globalização e fragmentação**. São Paulo: Hucitec/ANPUR, 1993.



GEOGRAFIA E SOCIEDADE

Coordenação e registro: Editora UFMS

Projeto gráfico: Lennon Godoi

Editoração eletrônica: Marcelo Brown

Fotolitos: Cromoarte - Editora e Publicidade Ltda

O Fascículo “Geografia e Sociedade” objetiva a **formação dos alunos**, estimulando-os a compreender o processo histórico de (re)construção do espaço geográfico, por meio da categoria trabalho como núcleo fundamental da relação sociedade e natureza de forma a contribuir para a superação da dicotomia geografia física e geografia humana. A diversificação de recursos didáticos utilizados é uma forma de tornar o ensino-aprendizagem motivador e significativo. Neste sentido, integrados ao corpo do texto, as indicações sinalizam para o aprofundamento das temáticas e para a interdisciplinaridade, a saber: *Provocando; Interagindo com o Texto; Indicação de Filme; Saber Mais.*

